

## A MENTE

Samael Aun Weor

Paz Inverencial! Fala para vós Samael Aun Weor. Sede Patriarcal do México.

Dirijo-me novamente a vós, irmãos do Movimento Gnóstico de El Salvador. Quero que ponhais plena atenção nesta cátedra, cujo título será: “A Mente”.

Há chegado a hora, meus caros irmãos, de compreender a necessidade de LIBERTAR-NOS DA MENTE. Por aí, nos distintos rincões deste nosso afligido mundo, existem realmente muitas organizações de tipo pseudoesotérica e pseudo-ocultista, dedicada a dar ensinamentos sobre a Mente.

O curioso e interessante de tudo isso é que fazem muita propaganda a favor da mente e isso é, naturalmente, muito grave. Todas as Escolas de tipo *Mentalistas*, dissemos, querem que seus estudantes desenvolvam a Força Mental, que fortifiquem o Poder *Mentalista*, etc.; e isso, naturalmente, deve convidar-nos à reflexão.

Se alguém estuda cuidadosamente a muitos escritores modernos, poderá evidenciar claramente que estes, e perdoem-me a franqueza, quase não têm ideias próprias, limitam-se a transcrever, comentar, etc.

Há autores que praticamente se sente como se tivesse levado a Mente à falência. Defendem em alguns capítulos por aí coisas terríveis, determinadas teorias, e nas páginas subsequentes destroem, com veemência, o que antes defenderam, escrevendo antíteses muito bem documentadas. De maneira que ao ler uma obra dessas o que fazem é por o intelecto a trabalhar, sem absorver realmente o conceito espiritual de nenhum autor. No fundo o que se consegue é incrementar o BATALHAR DAS ANTÍTESES no intelecto, isso é tudo.

Contudo, o que lhes consta? Que têm evidenciado? O que esses eruditos do intelectualismo têm experimentado? Nada, meus queridos irmãos, nada. Têm a mente recheada de imensa informação, mas não têm conhecimento, nada sabem, eis aí o grave: ignorância, ignorância e mais ignorância!

Não somente existem os ignorantes analfabetos, também há ignorantes ilustrados, e estes são duplamente ignorantes: “Não somente ignoram, mas também ignoram que ignoram”. Não saber não é um delito, mas há pessoas que não somente não sabem, mas também, não sabem que não sabem; essa é exatamente a situação dos ignorantes ilustrados, dos grandes luminares do intelecto.

De que serve a alguém ter a Mente recheada, repleta de teorias que não entende, que jamais experimentou? O importante, irmãos, é EXPERIMENTAR O REAL; isto

somente é possível em ausência da Mente. Quero que vós todos reflitam, uma a uma, em todas e cada uma de minhas palavras...

Eu vejo que ninguém tem sido feliz com a Mente. No mundo existem milhões de pessoas, nosso planeta realmente tem três mil milhões de seres humanos que raciocinam, que analisam, etc. E daí?... A mente tem feito feliz a algum deles?

Pondes vós, irmãos, vossa mão direita em vosso coração, sedes sinceros consigo mesmos e fazei-vos a seguinte pergunta: “Tenho sido feliz com meu raciocínio? A mente me fez ditoso?”.

Se algum de vós tem sido feliz com a mente, pois quisera ter a alta honra de conhecê-lo.

Eu jamais em minha vida vi alguém que tenha alcançado a felicidade através dos raciocínios ou do intelecto, ou do processo do pensar.

Tenho entendido que devemos ESGOTAR , precisamente, O PROCESSO DO PENSAR. Parece-me que o pensamento não resolve nada, absolutamente nada. Na prática pude evidenciar, até à saciedade, que aqueles que se distinguiram por seus projetos no Movimento Gnóstico são os que menos têm realizado, os que menos têm feito. Na prática pude verificar totalmente, inteiramente, que aqueles que vivem de momento em momento são os que mais fazem.

Se eu, por exemplo, tivesse aguardado ter uns bons dólares para poder fazer o Movimento Gnóstico, estou seguro de que jamais o tivéssemos feito. Todos sabem muito bem que eu não tenho sido jamais um homem rico. Comecei o Movimento com uns poucos amigos e, no entanto, vocês já veem, o Movimento cresceu e já abarca todo o Hemisfério Ocidental.

Logo poderemos penetrar nossas obras nos Estados Unidos, e nosso Movimento chegará a expandir-se mundialmente. Mas para isso NÃO TENHO NECESSITADO DE PROJETOS, meus caros irmãos, TENHO VIVIDO DE INSTANTE EM INSTANTE; e isso é tudo.

Nossos Missionários têm saído sem dinheiro a percorrer os distintos países da América; têm tocado em distintas portas e assim têm formado grupos, e cada dia esta Grande Obra expande-se. Aí não houve projetos, mas fatos.

Creio que se deve antecipar-se sempre ao processo do pensar. Estou a favor da FILOSOFIA DA MOMENTANEIDADE. Creio, sinceramente, na espontaneidade.

Se alguém o interroga, você deve se antecipar ao processo pensativo e responder espontaneamente, instantaneamente com aquilo que lhe saia do coração sincero; assim, pouco a pouco, vai se libertando de todo o processo do pensar.

Se UM PROBLEMA se apresenta na vida de alguém, não se deve tratar de RESOLVÊ-LO, melhor é DISSOLVÊ-LO. Um problema realmente é uma forma mental com DOIS POLOS, o positivo e o negativo. Tal forma flutua no entendimento com seu batalhar de antíteses Polares, e é óbvio que vem a se constituir em preocupações e sofrimentos em nós.

Tratar de resolvê-los é tão absurdo como querer viver encerrado dentro de uma garrafa, pois é um problema em uma garrafa realmente, uma garrafa de tipo intelectual. O que está engarrafado em um problema, atua e vive, e pensa em função de seu próprio engarrafamento. Quer dizer, se autoencerra, vive dentro de um círculo vicioso, absurdo e não resolve nada.

O pensamento nada resolve, melhor será esquecer o problema; se o esquecermos, dissolve-se, e isso é o melhor, não é verdade? Muitos me dirão, bem, se dissolve, e daí?

Experimentem, meus caros irmãos. Comumente as coisas não resultam como as pensamos, mas como são realmente. Os fatos acontecem porque têm que acontecer e o que se tem de fazer se faz.

Vou dar a vocês exemplos concretos, porque parece que assim se entende melhor o que estou dizendo: aqui, por exemplo, minha esposa-sacerdotisa preocupava-se demais em casa outro dia por isso que tinha que pagar o aluguel, porque se não se paga põe-no pra fora da casa. Preocupava-se por isso de que tinha de pagar as contas (claro que como não somos ricos, temos que levar as coisas, pois, de forma fácil, pagando mensalidades mais ou menos cômodas). Tudo isto lhe acarretava sofrimentos porque já se aproximava o tempo de tais pagamentos, e não havia dinheiro.

Ela até se atormentava porque eu não me atormentava (vejam vocês esse contrassentido do sentido comum); chateava-se porque eu não me chateava, aborrecia-se porque eu não me aborrecia.

A pobre mulher sofria, creio que até lhe dava dor de cabeça, vendo já a proximidade da data dos terríveis pagamentos, e eu tão tranquilo, sem preocupar-me no mais mínimo com os tais pagamentos (encanta-me viver de instante em instante, de momento em momento, e sei que a mente nada resolve).

Ao fim, chegavam as temíveis datas (comumente dia primeiro, ou quinzena de cada mês) e então vinha o dinheiro para os pagamentos. Uma vez feito isto, uma vez saldadas nossas dívidas, dirigia-me a ela dizendo: “Bem, e o que você ganhou com a preocupação? Aí estão os pagamentos, de que serviram suas preocupações? Parece-me que sobraram os centavos”... É óbvio que ela não podia refutar isso, era tão exato, tinha que reconhecer que havia perdido energia tontamente.

Assim pois, meus caros irmãos, eu não tratava de resolver problemas, gostava-me mais dissolvê-los, ou para ser mais sincero, gosta-me dissolvê-los (dissolvem-se, esquecendo-os).

Poderia objetar-me, e isso é claro, dizendo-me: “Bem, e se não tivesse chegado a você o dinheiro para os tais pagamentos, em que teria ficado sua Filosofia?” Essa pergunta seria tremenda, não é verdade?

Entretanto, não conseguiriam, os que assim me perguntassem, destruir nem sequer por um instante a Filosofia da Momentaneidade. Ao não vir o dinheiro para os tais pagamentos, e daí? Quando muito tivesse vendido os móveis da casa, ou me houvesse passado a um quatinho por aí humilde e simples, e daí? Por isso me tivesse morto, ou se tivesse mudado a ordem do universo, ou houvesse sucumbido de fome ou de miséria? Não, meus caros irmãos, nada disso teria acontecido; simplesmente haveria mudado de domicílio, isso é tudo.

Talvez os credores me tivessem tomado os objetos que me deram, e daí? Como eu não me apego a esses objetos, porque o APEGO está formado por outro tipo de Eus... [...gravação interrompida...] ... isso é tudo.

A mim me parece que... [... inaudível...]... verdade?

Por que temos de temer a vida? Por que temos de temer a vida humilde, a vida simples? O TEMOR é algo que se tem de abandonar, meus caros irmãos, caso se queira viver, realmente, de acordo com a Filosofia da Momentaneidade. A mente para o único que realmente serve é para torturar-nos a existência, e nada mais.

Quando alguém lê a tantos autores que têm por aí que exibem tão inumeráveis teorias, dá-se conta da ignorância em que eles vivem. Expõem umas teses que aprenderem por aí, em alguma parte, depois eles mesmos as destroem e substituem por outra, e, em conclusão: o que acontece é que têm a mente cheia de informação livresca, mas nada sabem, nada têm experimentado do Real; e isso é muito doloroso.

Tenho estado refletindo nestes dias, irmãos, muito, e me dou conta cabal de que a mente, como instrumento de investigação, é demasiado pobre; é, digamos, perdoem-me o conceito, muito miserável.

Há outros meios de informação mais ricos, MEIOS DE EXPERIMENTAÇÃO mais notáveis e maravilhosos. Necessita-se, meus caros irmãos, LIBERTAR A ESSÊNCIA, a Consciência; arrancá-la do intelecto, extraí-la da mente para experimentar o Real, a Verdade.

Necessitamos DOMINAR A MENTE, amansá-la, digamos, como quem está amansando um potro selvagem, submetê-la, controlá-la, se é que realmente desejamos muito sinceramente libertar-nos dela, para experimentar isso que é a Verdade.

Vamos aos fatos mais concretos: por aí existe um autor, cujo nome não menciono, que fala sobre a Atlântida, sobre a famosa Atlântida. Até compartilha por aí conceitos dos russos, que se diz “esta renomada Atlântida foi, simplesmente, uma ilha, por aí pelo Mediterrâneo”, etc., coisa completamente absurda, verdade?

Em que se baseia esse autor, em repetir o que já disseram os russos? Isso é o que faz o intelecto, irmãos: repetir o que outros dizem. A mim não me parece, pois, que o intelecto seja um instrumento assim, muito eficiente para a investigação; melhor seria, por exemplo, desengarrar a essência através da MEDITAÇÃO, quer dizer, desengarrar a consciência, arrancá-la de dentro dessa jaula dos conceitos intelectuais ou raciocinativos.

A consciência desenvolta, livre do processo do pensar... Quando as pessoas irão entender a necessidade de se libertar do processo do pensar? Em que época, em que data? Observem vocês os grandes diplomatas destes tempos: tratam mutuamente de enganar-se uns aos outros; essas “raposas da política”, grandes embaixadores, delegados, grandes ministros, etc., etc., realmente não fazem nada senão tratar de enganar-se mutuamente.

Como poderia haver PAZ UNIVERSAL desta forma? Uns tratando de enganar aos outros? Vocês creem que assim se poderiam realizar verdadeiros tratados de paz? Um diplomata creia, por exemplo, em outros diplomatas?

A desconfiança é mútua e esta advém da mente. Poderia se estabelecer acaso a paz sobre a base da desconfiança mútua? É óbvio que não, meus caros irmãos, as “raposas da política” têm defraudado o mundo, isso é certo.

Luminares do intelecto, perversos que julgam com a mente! Quão doloroso é tudo isto! O mundo atualmente está governado por VELHACOS DO INTELECTO; isso é terrível. Vejam vocês a anarquia, o caos no qual vive o mundo: cada mão se levanta contra cada mão, uns contra outros e todos contra todos; e podeis estar seguros que chegará o dia em que a TERCEIRA GUERRA MUNDIAL acabará com todos.

A reflexão, pois, nos indica a necessidade de acabar com o processo do pensar, para chegar a saber realmente. Quero que vós, meus caros irmãos salvadorenses, pratiquéis a meditação de forma mais intensiva.

QUANDO A MENTE ESTÁ QUIETA realmente, não aquietada violentamente, repito, mas quieta, de forma espontânea e natural; quando a mente está em silêncio, não

silenciada à força, amordaçada, por que então ela por dentro estaria gritando, não; repito: EM SILÊNCIO de forma natural, então ADVÉM O NOVO.

Na meditação, meus caros irmãos, devemos em primeiro lugar, colocar nosso corpo de forma mais cômoda. Alguns preferem meditar sentados, há aqueles que preferem fazê-lo na postura oriental, outros preferem acostar-se no solo com as pernas e os braços abertos, na forma da Estrela Flamígera, que é, digamos, a forma de Meditação para Mestres, a forma superior, e cada qual, pois, pode escolher a posição que considere mais cômoda.

Fechar a seguir os olhos para que nada das coisas do mundo nos distraia. E logo observar nossa própria mente em ação: se um pensamento nos vem, ESTUDÁ-LO, OBSERVÁ-LO cuidadosamente, COMPREENDÊ-LO profundamente e logo ESQUECÊ-LO.

Se uma recordação advém, há que fazer o mesmo: estudá-la, sopesá-la, medi-la, e esquecê-la depois de havê-la compreendida a fundo, integralmente, totalmente.

Se um desejo qualquer vem, pois bem, vamos estudar o desejo, aprofundá-lo, e ver o que é que tem de real, logo esquecê-lo.

Cada pensamento, cada desejo, cada recordação, cada ideia, etc., etc., etc., deve ser rigorosamente estudado, compreendido a fundo.

Assim é como VAMOS CONHECENDO NOSSO EGO, nosso Eu, nosso mim mesmo; porque isso que nos vem à mente, quando tentamos meditar, tudo isso que tenta sabotar-nos o trabalho é nosso próprio Ego, nossos próprios desejos. Porque nosso Ego são nossos pensamentos, nossos desejos, nossas ideias, nossas apetências, nossos temores, nossos ódios, nossas invejas, nossos egoísmos, nossas luxúrias, nossos orgulhos, etc...

Assim, pois, que em meditação vamos vendo o que vai aparecendo, vamos vendo nosso próprio ego, o qual tem um princípio e tem um fim; é como um novelo de linha, por exemplo: tem seu princípio e tem seu fim. Assim é o Ego, meus caros irmãos: tem um princípio e tem um fim.

Uma vez que tenha concluído todo o filme, digamos, na tela, toda aquela procissão do Eu, todo esse encadeamento de desejos, apetências, temores, recordações, ódios, etc., a mente fica, obviamente, quieta e no mais profundo silêncio. E então é natural que a essência, a consciência que levamos dentro, desengarrafe-se de dentro da mente, libere-se; e assim vimos a EXPERIMENTAR O REAL, isso que é a verdade, entendido?

Que queremos saber, por exemplo, sobre a Atlântida, que faremos? Primeiro há que levar a mente à quietude e ao silêncio, isso é claro; mas antes de haver começado toda prática, haveremos de ORAR, sim, a nossa DIVINA MÃE KUNDALINI, haver-lhe

pedido de todo coração que nos leve à Atlântida, que queremos saber da Atlântida. Depois nos sentamos para a prática.

E uma vez que a mente está quieta e em silêncio, pois é óbvio, meus caros irmãos, que então a Divina Mãe Kundalini nos levará à Atlântida e vamos vê-la; mas vamos vê-la em consciência, em essência, em espírito, não através do processo do pensar, através dos intelectualismos, que de nada servem.

Através de simples teorias não se consegue nada. Vamos vê-la tal qual é; vamos reviver vidas que tivemos na Atlântida, existências passadas; esse, sim, é o modo de saber, verdade?

Eu, de minha parte, vou dizer a vocês algo: quando quero investigar, por exemplo, sobre a Lemúria, o primeiro que faço, à minha maneira (se a vocês convém, pois sigam meu exemplo, eu lhes digo como faço): deito-me, pois, em minha cama muito tranquilamente, com a flamígera (braços e pernas abertos), corpo relaxado totalmente; fecho meus olhos físicos para que as coisas do mundo exterior não me incomodem ...

Depois, concentro-me em minha Divina Mãe Kundalini, digo-lhe: “Quero saber sobre tal coisa, por exemplo, sobre a Lemúria (um exemplo, não?). Quero informação”. Suplico e PEÇO COM VERDADEIRO AMOR, naturalmente, porque à Mãe não se vai dirigir de forma ditatorial (“esmola com escopeta” como dizem por aí), não; senão com verdadeiro amor. O filho deve dirigir-se a sua Mãe com amor.

E depois da súplica, busco pôr minha mente quieta e em silêncio. Se me vem alguma recordação nestes momentos em que tento fazer a prática, pois a compreendo, analiso-a e esqueço-a. Se surge qualquer desejo, qualquer ideia, pois faço o mesmo: compreender, analisar..., compreender, discernir e esquecer, e ao fim a mente fica quieta.

Uma vez quieta e no mais profundo silêncio, então minha consciência desengarrafa-se, isso é óbvio. Sai de dentro da mente e vou viver a Lemúria, e a ver os fatos da Lemúria, e a reviver existências que tive na Lemúria. Depois, já saio da meditação com toda a informação, escrevo-a e entrego-a a vocês em livros impressos, que tal? O que parece a vocês meu sistema, meus caros irmãos?

Ponham pra rodar estas fitas e muitas vezes; façam-nas tocar e escutem o ensinamento tal como o estou dando; mas escute-as, por favor, pratiquem, não basta somente Receber a cátedra, tem que levar o ensinamento à prática, entendido?

O sistema, pois, de INVESTIGAR COM A CONSCIÊNCIA é melhor que investigar com o intelecto, mais sábio. Por que com a consciência experimentamos diretamente a Verdade; com o intelecto, que experimentamos? Nada, meus caros irmãos, com o intelecto o único que conseguimos é amargar-se a vida, encher a mente de teorias e mais teorias; isso é tudo.

O que sai da consciência, repito, é reto; o que sai do intelecto é difícil que seja reto, comumente é distorcido. Isso tenho podido verificá-lo através da experiência.

Todavia, reconheço que cada qual é livre de pensar como queira. Aqueles que queiram seguir meus ensinamentos, que os sigam, eu não estou tratando de exercer coerção sobre a mente de ninguém. Respeito o livre pensar de cada um, exponho, sim, digo: é melhor libertar-nos do processo do intelecto...

O grave é que as pessoas estão tão autoenganadas que creem que toda ação deve nascer forçosamente da mente. Jamais fazem a VONTADE DO PAI, nunca atuam com os ditames da consciência, não escutam a consciência, preferem fazer as coisas com suas ideias mais ou menos distorcidas, ou disparatadas, de acordo com seus impulsos meramente intelectivos; isso tem-nos conduzido ao erro. Vejam o estado em que se encontra a humanidade.

Se aprendemos a VIVER DE ACORDO COM OS DITAMES DA CONSCIÊNCIA, é óbvio que viveremos retamente e que não nos lançaremos carma de nenhuma espécie.

Mas se continuamos atuando de acordo com os impulsos intelectivos ou com os impulsos da mente, então nossas ações serão distorcidas, disparatadas, erradas. Isso temo-lo podido refletir, compreender através da vida prática.

Há que discutir um pouco com a mente quando esta não quer obedecer. Devemos dirigir-nos à mente, dizendo-lhe, por exemplo: mente, porque não me obedeces? Obedece-me! Que é que tu queres, Mente?

Mais tarde, com o desenvolvimento das faculdades, a mente nos responderá como se fosse um sujeito completamente diferente. Dirá: “Eu quero isto, ou desejo tal outra coisa”; ou simplesmente através de uma imagem representativa, através de qualquer REPRESENTAÇÃO intelectualiva, mostrar-nos-á o que ela quer.

Então, nós poderemos dizer-lhe: “O que tu estás desejando, mente, não serve, é falso. Obedece-me! Eu sou tua consciência e tu deves obedecer-me, mente!”...

Assim, pouco a pouco, vamo-la dominando; há que aprender a discutir com ela, tratá-la da mesma forma com que os tropeiros tratam a um burrico que não quer obedecer. Vós haveis visto, irmãos, como os domadores de cavalos tratam os cavalos? Tem vezes que até lhes bronqueiam, e assim nós devemos fazer com a mente: TRATÁ-LA COMO UM BURRICO ou um cavalo, COMO ALGO QUE DEVE APRENDER A OBEDECER. Não ser escravo da mente, porque se nós somos escravos da mente, vamos ao fracasso.

Há um ponto muito delicado durante a meditação: muitas vezes quando alguém crê que chegou à quietude e ao silêncio da mente, não chegou ainda. Então deve penetrar

adentro, deve dizer à mente: “Mente, o que está acontecendo? O que é que estás desejando? Por que não estás quieta? Obedece-me, debes estar quieta!”...

Às vezes, se vós tendes certo desenvolvimento de vossas faculdades superiores, podereis ver as Representações da Mente, que neste instante responderá com tais ou quais cenas; dessa forma dir-nos-á o que quer.

Mas, precisamente, esse é o instante de saber respondê-la, de saber tratar com essa mente da mesma forma que um tropeiro trataria um burrico que não quisesse obedecer, a um burrico que não quisesse estar quieto; e, por último, esta ficaria quieta.

A QUIETUDE e o SILÊNCIO, isso é o que se quer durante a meditação, precisamente isso.

Porque quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, advém o novo.

Se credes que haveis chegado à quietude, e ainda não estais experimentando nada, é porque não haveis chegado à quietude e ao silêncio. Se encontrais alguma pressão dentro de vossa mente e não aquele estado de natural espontaneidade, de atitude natural, é porque a mente ainda não está quieta nem em silêncio. Há que averiguar, então, por que não está quieta, por que não está em silêncio.

Pode acontecer que tenha lutas terríveis, ali, nos fundos submersos, em dobraduras muito profundas, desconhecidas para vós. Sim, se não se faz estranho: fundos internos submersos ou infraconscientes da mente...

Em tais fundos ou abismos intelectivos também há lutas que muitas vezes não conhecemos (na região meramente superficial do raciocínio). Lutas, lutas que travam, que não permitem que a consciência escape; lutas que engarrafam a essência.

Por isso, quando vos acheis neste estado, apesar de acreditar que a mente está quieta e em silêncio, não surge o novo, é porque há travas muito profundas do infraconsciente. Então há que interrogar à mente: “Mente, o que é que desejas? Por que não estás quieta?”...

A mente dará uma resposta, possivelmente com uma Representação. Compreender tal Representação, discerni-la, e fazer a mente ver que essa Representação, que essa ideia que ela tem, que esse desejo que ela tem é absurdo.

Há que discutir, neste caso, com a mente, e fazê-la compreender que está no absurdo e que sua posição não tem uma base sólida; que o melhor que deve fazer é deixar-nos quietos, não incomodar-nos mais, não chatear-nos.

Porém há que compreender qual é o desejo que a mente tem. Desejo, possivelmente, demasiado submerso. Há que COMPREENDÊ-LO PARA PODÊ-LO DESTRUIR; destruído, pois, vem a quietude e o silêncio da mente.

E se não vier, então que há? É porque há algum outro desejo submerso, algum outro problema por aí, infraconsciente. Neste caso há que repetir, há que discutir com a mente, há que interrogá-la para saber o que quer; há que fazê-la compreender que o que está desejando é absurdo, que nos deixe em paz, que não nos incomode.

Assim, dominando a mente, amansando-a como a um potro selvagem, ao fim chega o instante em que aprende a estar quieta e em silêncio; até que vem a Liberação da Essência, a Liberação da consciência.

Alguém com a consciência livre, fora do terreno meramente intelectual, pode EXPERIMENTAR, ESTUDAR, não digo somente a Atlântida ou a Lemúria, mas até os Dias e as Noites Cósmicas; pode aprofundar a história dos séculos; conhecer-se a si mesmo e conhecer os demais; descobrir os Mistérios da Vida e da Morte; experimentar os SETE SEGREDOS INDIZÍVEIS, etc., etc., meus caros irmãos.

MAIS MEDITAÇÃO, POR FAVOR, mais meditação, é o que vocês necessitam! Em terceira câmara, no lumisial, pode-se fazer meditação em grupo, e convém fazê-la para que todos recebam a força.

E em casa há que trabalhar diariamente, diariamente em casa, meus caros irmãos, trabalhar, trabalhar e trabalhar. Vocês recordem que “a Meditação é o Pão do Sábio”, “o Pão Nosso de cada dia”; devemos praticá-la com intensidade, haveis-me compreendido?

Bem, meus caros irmãos, por hoje creio que já falei o suficiente. Agora os convido a praticar a Meditação, convido-os a estudar, convido-os a refletir os Ensinamentos que através desta fita gravada lhes dei. Paz Inverencial!